



PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO¹

Caroline de França Uniga²

Resumo: Este artigo objetiva uma proposição de metodologia de análise do imaginário em eventos corporativos por meio da Teoria da Complexidade e das cinco versões de imaginário como ferramentas para auxiliarem no desenvolvimento do evento corporativo como uma experiência e no impacto gerado no público quanto a vivência no evento, utilizando-se, para tanto, de uma análise metodológica de renomados autores do imaginário com foco analítico das cinco versões de imaginário. A pergunta do artigo se concentrou em como uma proposta metodológica do imaginário poderia ser utilizada em eventos corporativos. O resultado se apresentou por meio de uma metodologia fundamentada no Sistema de Ampulheta que se concentrou em preservar o ambiente social onde o evento corporativo é realizado, abordando elementos que interagem para este acontecimento.

Palavras-Chave: Imaginário 1. Eventos Corporativos 2. Teoria da Complexidade 3.

Abstract: This article aims to propose a methodology for analyzing imagery in corporate events through Complexity Theory and the five versions of imagery as tools to assist in the development of the corporate event as an experience and the impact generated on the public regarding the experience of the event, using, for this purpose, a methodological analysis by renowned authors of imagery with an analytical focus on the five versions of imagery. The article's question focused on how an imaginary methodological proposal could be used in corporate events. The result was presented through a methodology based on the Hourglass System that focused on preserving the social environment where the corporate event is held, addressing elements that interact with this event.

Keywords: Imaginary 1. Corporate events 2. Complexity theory 3.

1. Introdução

Convivemos sendo singulares e coletivos, individuais e sociais, imprimimos sentido em nossas convivências e nas imagens do nosso cotidiano, o que inclui também produzir imagens. “Se a imagem é representação, imaginar significa representar alguma coisa por meio de várias linguagens. [...] A comunicação significa, acima de tudo, o partilhamento de imagens circulantes na cultura” (Camargo, 2013, p. 30). Essa produção de imagens é o próprio significado de imaginação que tem a base de suas características composta pelas aptidões do pensamento que “precedem e excedem os dados sensoriais e, evidentemente, a partir de índices

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagem e Imaginários Midiáticos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² UFPR, Mestre, caroline.eventosbrasil@gmail.com

sensíveis, o espírito pode conceber o que escapa aos sentidos. [...] Prisioneiro de uma cultura, o espírito só pode libertar-se com ajuda da cultura” (Morin, 2011, p. 113-114).

Com foco na proposta metodológica de análise do imaginário é fundamental destacar o autor Érick Felinto (2022 e 2024) que estuda o imaginário, e publicou recentemente artigos referentes a importância de se desenvolver metodologias capazes de articular imaginação e ambiência, devido a relevância do imaginário e da atmosfera nos estudos de comunicação. “[...] Não menos estranho e especulativo é situar o imaginário no centro da maquinaria social, determinando a 'racionalidade' de nossas escolhas e revelando a medida de ficção que ajuda a constituir a realidade” (Felinto, 2024, p. 25).

Referente ao que se sabe acerca de uma possível metodologia de pesquisa do imaginário, destacam-se três autores: Juremir Machado da Silva (2020 e 2021), Ana Taís Martins Portanova Barros (2010 e 2018) e Malena Contrera (2017 e 2018). Relevante destacar o artigo ‘Estudos do Imaginário: a iniciação como método’, das autoras Contrera e Barros: “O grande desafio que uma heurística própria da teoria do imaginário nos coloca é o de assumir a anterioridade ontológica, o imaginário como fundador das produções humanas, primeiro em relação à própria racionalidade, englobante da própria racionalidade” (Barros, 2018, p. 27). As autoras dissertam ainda sobre “a necessidade de uma metodologia sintonizada também com o aspecto arracional do imaginário” (Barros, 2018, p. 27). E, por fim, encerram o artigo com a inspiradora reflexão: “Os estudos do imaginário não serão, portanto, nem interdisciplinares nem transdisciplinares, mas sobretudo indisciplinados” (Barros, 2018, p. 35). Contudo, de maneira alguma as autoras querem dizer que no estudo do imaginário tudo é possível, pelo contrário, cobram um método científico claramente explicado para que as conclusões possam ser analisadas pela academia, mas salientam que cada pesquisador tem seus próprios caminhos e suas próprias interpretações.

Temos ainda Silva, autor do livro ‘O Que Pesquisar Quer Dizer’, destacando a Análise Discursiva de Imaginário – ADI – sobre dois vieses. Primeiramente, perante a confirmação de que “todo imaginário é um discurso. Análise Discursiva de Imaginário examina o conteúdo dos discursos” (Silva, 2021b, p. 96) seguida por uma simplificada explanação quanto ao imaginário: “Deve-se entender aqui uma narrativa inconsciente ou uma ficção subjetiva vivida como realidade objetiva cuja formação ou cristalização permanece encoberta exigindo um desencobrimento” (Silva, 2021b, p. 96). Podemos entender que o imaginário está sempre presente no ambiente cultural da nossa sociedade, estruturando a narrativa, provocando o

enredo, necessitando ser desencoberto. Merece destaque o uso do verbo desencobrir, visto que o autor Silva faz uma extensa diferenciação, em seu livro, quanto ao descobrimento e ao desencobrimento, desvendando o imaginário em camadas, não se permitindo aceitar unicamente a primeira proposta que lhe é apresentada no descobrimento de um imaginário e realizando uma interpretação analítica, camada por camada, deste imaginário. Então, para proceder com o desencobrimento do imaginário descoberto, a proposta metodológica será a revelação do imaginário por meio de cinco etapas, de cinco camadas, de cinco versões de imaginário. Contudo, desde já assumindo que o imaginário não se limita a cinco camadas, mas se permitindo uma análise metodológica a partir desta quantidade de versões, objetivando aproximar o imaginário de uma realidade na Comunicação e ainda apoiando-se na rica Teoria da Complexidade de Morin.

A justificativa deste trabalho se dá devido a uma possível ferramenta metodológica de construção e interpretação do imaginário no evento corporativo, apoiando-se na teoria da complexidade e nas recentes versões de imaginário; aproveitando-se assim, da dinâmica inteligência e sensibilidade humanas a favor da solidificação de marcas por meio de experiência com o público e com o consumidor.

Este artigo utiliza-se do imaginário com objetivo teórico-metodológico na tentativa de sugerir a possibilidade de aproveitar-se do imaginário como ferramenta criativa na esfera do mercado da Comunicação. Além de apresentar amplamente as cinco versões de imaginário para, na sequência do artigo, aplicar de modo ilustrativo a metodologia em uma análise de evento corporativo com o intuito de apresentar a metodologia de pesquisa, identificando os elementos de imaginário.

Assim, o objeto deste estudo é um exercício analítico que demonstra de maneira determinada, mas não determinante, a aproximação das teorias do imaginário com a complexidade de um evento corporativo como uma conexão específica exemplificativa. “Enquanto as atmosferas formam uma espécie de tecido invisível que nos conecta ao mundo, o imaginário é o terreno simbólico que medeia nossas relações com a realidade circundante” (Felinto, 2024, p. 24).

2. Aplicação metodológica

Por definição geral, é possível interpretar o que é o imaginário sob a análise de oposição à realidade, ao verdadeiro. Mas o imaginário é muito mais que um simples conceito, é uma

análise cultural que ultrapassa sua delimitação do individual para o coletivo, é o excesso que se esconde e que, como bem define Silva (2021b), precisa ser iluminado para que seu significado seja desvelado. A utilização metodológica se baseia em análise de método e, como sugere Silva (2021b) ao destacar a aleatoriedade das escolhas metodológicas que, impreterivelmente, precisam ser testadas antes de serem contestadas: “Uma teoria, por exemplo, é uma lente que deforma, conforma, reforma, informa e dá forma ao que se observa. Teoria é pré-conceito. Conceito a priori. Uma metodologia é uma lente de apoio que permite à teoria formatar o vivido” (Silva, 2021b, p. 16).

Ao nos valer do estado da arte para justificar essa busca de pesquisa por uma proposta metodológica, é fundamental demonstrar que a escolha desse caminho foi pavimentada por trabalhos e estudos atuais que analisam o imaginário, como o aqui citado: “[...] propugnar pela relevância do imaginário e da atmosfera nos estudos de comunicação [...] se revela ao pesquisador menos como uma dinâmica racional e linear que como uma experiência afetiva, sensorial e subjetivante” (Felinto, 2022, p. 01-02).

Ao destacar o caráter social da pesquisa, busco a reafirmação da ideia de que investigar fenômenos não de forma isolada, mas como parte de uma rede de relações sociais, é uma característica central da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Dado esse destaque, a socialidade é um ponto relevante nesta pesquisa, por determinar o contexto do ator social no evento corporativo. Para o exercício desta aplicação metodológica, levou-se em consideração o Sistema de Ampulheta de Gallauhe com base em algumas aplicações metodológicas do sistema, como, por exemplo, nos artigos de: Romanholo (2014), Araujo (2017) e Campeão (2002). O Sistema de Ampulheta de Gallahue é um modelo teórico utilizado para entender o desenvolvimento motor ao longo da vida, sendo dividido em quatro fases principais, que são: Reflexa, Rudimentar, Fundamental e Especializada. A metodologia de pesquisa aplicada a eventos corporativos pode ser enriquecida ao integrar o Sistema de Ampulheta de Gallahue e as versões de Imaginário dos autores Maffesoli e Silva. Essa combinação oferece uma estrutura compreensiva para entender tanto o desenvolvimento motor da participação no evento quanto a construção do imaginário dos participantes ao longo do evento.

O Sistema de Ampulheta preserva a limitação do ambiente social onde o evento corporativo é realizado, possibilitando a vivência do público na experiência do momento presente, dando significado a essa participação que não tem o objetivo de filtrar ou de transformar o público, e sim, objetiva o respeito a entropia que o cotidiano oferece quanto a

quantidade de informações e interações a que as pessoas são submetidas rotineiramente (FIG 1).

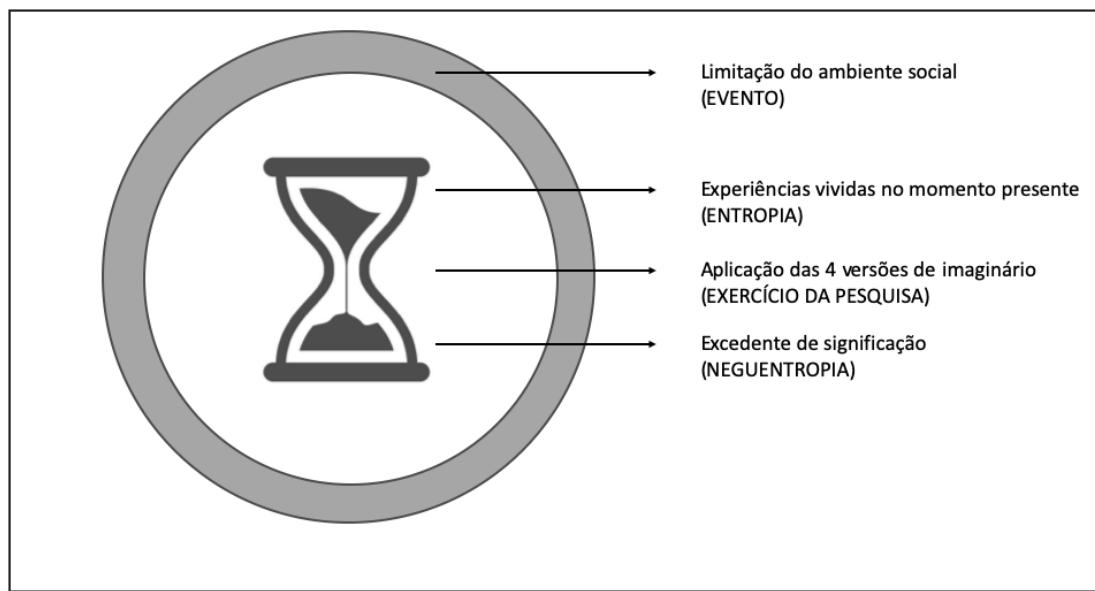


FIGURA 1 – Explicação descritiva da Ampulhetas como sistema metodológico

FONTE: Imagem de internet com construção desta autora.

A Ampulhetas representa o instrumento de explicação metodológico desta pesquisa, demonstrando como as experiências transformam os atores envolvidos em um determinado ambiente social que também influencia a experiência participante. Destaque necessário se dá a utilização das versões de imaginário como ferramentas que conduzem essa experimentação, que são o foco desta pesquisa, possibilitando analisar e, sobretudo e principalmente, interpretar como ocorre essa metamorfose de vivências experimentais.

A seguir, abordamos como esses elementos interagem na formação desta metodologia, sendo quatro análises necessárias para tal entendimento: 1) O evento corporativo como ambiente social delimitado desta pesquisa; 2) A entropia gerada pelas experiências vividas no ambiente social e no momento presente do evento; 3) O exercício da pesquisa utilizando-se das versões de imaginário de Maffesoli e Silva como guias para a instrumentalização da interpretação desta experiência e, por fim; 4) A neguentropia que se dá ao fim da participação do evento, sendo demonstrada nesta pesquisa pelo excedente de significação – que é a última versão de imaginário apresentada por Silva.

3. Limitação do ambiente social - Evento

No caso desta pesquisa, a limitação do ambiente social é o evento corporativo, local onde a realização do evento se dá, juntamente com o período de tempo que o evento acontece propriamente. Desta maneira, a limitação do ambiente social é qualquer evento corporativo, servindo como delimitador de tempo e espaço para a análise. Para Maffesoli, o ambiente social é fundamentalmente marcado pelas relações emocionais e afetivas que emergem em contextos coletivos e cotidianos. Ele argumenta que, no mundo contemporâneo, as pessoas tendem a formar tribos urbanas ou grupos de afinidade, onde a identidade social não é mais construída apenas a partir de grandes narrativas ou instituições tradicionais, mas a partir de laços emocionais e afetivos mais fluidos e espontâneos. “Enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa só existe na relação com o outro” (Maffesoli, 2018, p. 17).

O ambiente social, conforme Maffesoli, pode ser compreendido como uma teia de grupos de afinidade, ou tribos urbanas, que se formam quando indivíduos compartilham interesses, valores e sentimentos comuns. Esses grupos não são definidos por estruturas rígidas ou formais, mas sim por uma conexão mais informal e fluida, baseada em afetos e experiências compartilhadas. Para Maffesoli, o ambiente social não é apenas um espaço físico, mas um espaço emocional, onde as relações afetivas são essenciais para a constituição das coletividades. Além disso, o ambiente social se constrói por meio da interação entre os indivíduos, que transcende as relações formais e institucionais. Essa dinâmica reflete a ideia de que as comunidades, ao se estabelecerem no cotidiano das pessoas, são moldadas principalmente pelas relações pessoais e pelo sentimento de pertencimento. O ambiente social, portanto, surge não apenas a partir das interações racionais ou estruturadas, mas, principalmente, das conexões emocionais e da proximidade humana, que formam a base das relações sociais.

O conceito de ambiente social, quando analisado sob a ótica de Gaston Bachelard, adquire uma profundidade simbólica e emocional. No pensamento de Bachelard, o ambiente social é, essencialmente, o conjunto de espaços de vivência pelos quais as pessoas transitam e transformam ao longo de suas vidas. “[...] A casa é, evidentemente, um ser privilegiado, sob a condição, bem entendido, de tomarmos, ao mesmo tempo, a sua unidade e a sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental” (Bachelard, 1993, p. 23).

Os espaços que habitamos nos definem tanto quanto nós os transformamos, pois estão impregnados de nossa história pessoal. Eles não servem apenas como abrigos físicos, mas como armazéns de experiências, de emoções passadas que se reativam toda vez que o sujeito interage com esses lugares. “O mundo resistente nos impulsiona para fora do ser estático, para fora do ser. E começam os mistérios da energia” (Bachelard, 2019, p. 16). Assim, o ambiente social, para Bachelard, é uma construção contínua, com a relação entre sujeito e espaço sendo dinâmica e em constante transformação, sendo um espaço vivo, onde as emoções, memórias e imagens simbólicas constantemente interagem, configurando a identidade social e individual.

Essas visões podem ser complementadas com a Teoria da Complexidade de Edgar Morin, que propõe uma abordagem ainda mais abrangente e dinâmica do ambiente social. Morin considera os sistemas sociais como complexos, interdependentes e em constante transformação. “Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo” (Morin, 2015, p. 08). Para ele, o ambiente social não pode ser entendido como um conjunto isolado de fenômenos, mas como um sistema dinâmico composto por diversas interações e processos que se influenciam mutuamente. A visão de complexidade sugere que para entender o ambiente social, é preciso adotar uma perspectiva que leve em conta as relações entre os indivíduos, as instituições, os valores culturais, as emoções e outros fatores que atuam simultaneamente e de forma interconectada. A partir dessa abordagem, o ambiente social se configura como uma teia de interações, onde cada elemento se liga aos outros e influencia a dinâmica do todo.

Além disso, Morin destaca a sociabilidade humana como um princípio central na formação do ambiente social. Ele argumenta que o ser humano é, por natureza, sociável, e que a sociedade se constrói a partir da interdependência entre indivíduos, suas ações coletivas e as instituições sociais. Nesse sentido, o ambiente social é uma rede de conexões, que envolve não apenas o indivíduo e os outros seres humanos, mas também as instituições que organizam a vida coletiva e o mundo natural, com o qual o ser humano interage continuamente. O ambiente social, portanto, não é algo fixo ou estático, mas uma rede viva que evolui a partir das interações complexas e multidimensionais entre seus diversos componentes. Finalmente, Morin amplia a visão do ambiente social ao integrá-lo também ao conhecimento e à comunicação. Para ele, o ambiente social não é apenas físico ou afetivo, mas também cognitivo. “A reforma do pensamento reclama a democracia cognitiva, a qual só é possível a partir de

uma reforma do pensamento” (Morin, 2011, p. 125). O compartilhamento de saberes e a troca de experiências influenciam diretamente as relações sociais, contribuindo para a construção de identidades coletivas e para a adaptação das sociedades às mudanças do contexto histórico e cultural.

Assim, ao integrar a visão de Bachelard sobre o espaço vivido, a abordagem de Maffesoli sobre as tribos urbanas e a teoria da complexidade de Morin, podemos entender o ambiente social como um sistema dinâmico e multifacetado, onde as emoções, as relações afetivas, as memórias e as interações sociais são interconectadas e se influenciam mutuamente. O ambiente social é uma construção contínua, que envolve tanto os espaços íntimos e simbólicos, quanto as redes mais amplas de interdependência social, cultural e cognitiva. “O espaço é uma realidade que dura [...]. É sobre o espaço [...] que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 143). Ao considerar essas diferentes perspectivas, podemos compreender a complexidade do ambiente social e as diversas formas pelas quais ele molda a identidade e as relações dos indivíduos dentro de uma sociedade em constante transformação.

4. Experiências vividas no momento presente – Entropia

No âmbito desta pesquisa, as experiências vividas e a entropia referem-se especificamente ao que sucede durante a presença do público no período de realização e na área física do evento corporativo. A relevância desta determinação se dá ao campus demarcado de tempo e espaço que é observado com relação ao público visitante. De acordo com as proposições analisadas por autores como Maffesoli e Morin, é percebido o quanto os indivíduos são impactados diária e constantemente por um alto volume de informações e interações, fazendo com que a entropia gerada neste contexto seja necessariamente direcionada quanto ao momento presente.

Maffesoli, em suas obras, propõe uma reflexão sobre as experiências vividas no momento presente, enfatizando a importância de se estar conectado ao agora e aos sentimentos imediatos que ele proporciona. “É a experiência, em suas diversas dimensões, o vivido, em toda a sua concretude, o sentimento ou a paixão que, ao contrário do que se costuma admitir, constituem o essencial de todas as agregações sociais” (Maffesoli, 2018, p. 65). A reflexão sobre o ambiente social e as experiências vividas no momento presente leva-nos a uma análise sobre o impacto da cultura contemporânea na percepção do agora. No mundo moderno,

dominado por ritmos acelerados e pela busca constante por produtividade e consumo, o ser humano tem se distanciado da experiência direta e vivencial do presente. Ele defende que a conquista do presente implica em uma nova forma de viver, em que a ênfase não está no passado ou no futuro, mas na intensidade emocional e nas vivências cotidianas.

O ambiente social não é apenas o espaço físico em que habitamos, mas é também constituído pelas tribos urbanas ou grupos de afinidade, nos quais os indivíduos buscam, por meio de uma vivência compartilhada e de experiências emocionais intensas, uma reconexão com o agora. Esses grupos não são estruturados de maneira rígida, mas se formam por afinidade, onde os afetos e as experiências do cotidiano são as forças que os mantêm unidos. Neste contexto, as emoções e os sentimentos imediatos tornam-se elementos-chave para a formação do ambiente social e para a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo. Maffesoli nos convida a refletir sobre a importância de experimentar o agora com autenticidade, aproveitando as experiências cotidianas e as relações afetivas, em vez de nos perdermos em ideologias ou em expectativas sobre o futuro.

Porém, a sociedade contemporânea, com a avalanche de informações e estímulos constantes proporcionados pelas redes sociais, pela mídia digital e pela cultura de hiperconectividade, desafia essa vivência direta do presente. É aqui que entra a teoria da complexidade de Edgar Morin, que traz uma contribuição significativa para entender os efeitos desse cenário. A ideia proposta de entropia como um conceito central para compreender os sistemas sociais e a forma como as informações são processadas se refere ao aumento da desordem e da incerteza dentro de um sistema, e a incapacidade de integrar ou organizar informações de maneira eficaz. “A natureza não é desordem, passividade, meio amorfo: é uma totalidade complexa. O homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, com relação de autonomia/dependência organizadora no seio de um ecossistema” (Morin, 1973, p. 26). No contexto do ambiente social moderno, o excesso de informações e estímulos, ao invés de enriquecer a experiência do presente, tende a fragmentar a percepção do agora, criando uma sensação de sobrecarga e desorientação.

A entropia, nesse sentido, pode ser entendida como o resultado da sobrecarga informacional que os indivíduos experimentam na vida cotidiana. “O que caracteriza o sapiens não é uma redução da afetividade em benefício da inteligência, mas, pelo contrário, uma verdadeira erupção psicoafetiva e, inclusivamente, o aparecimento da ubris, isto é, do excesso, do desmedido” (Morin, 1973, p. 106). No mundo atual, estamos constantemente expostos a

uma quantidade imensa de informações, muitas vezes desorganizadas, contraditórias e descontextualizadas, que entram em nosso fluxo cognitivo sem um processo adequado de filtragem. Essa saturação de dados cria um ambiente de confusão e desconexão, dificultando a capacidade do sujeito de se concentrar no presente e de viver de forma plena o agora.

A sobrecarga informacional, ao invés de promover uma vivência intensa e autêntica do presente, faz com que o sujeito se perca em um fluxo contínuo de dados e estimulações externas. Isso não só reduz a capacidade de reflexão, mas também gera um aumento da entropia, na medida em que o cérebro se vê obrigado a processar uma quantidade de informações cada vez maior sem ter tempo ou espaço para refletir e organizar adequadamente essas experiências. A quantidade de informações que recebemos diariamente acaba gerando um excesso cognitivo que, em vez de ampliar nossa percepção, gera uma desordem informacional que nos distancia da experiência imediata do presente.

Morin, em sua Teoria da Complexidade, argumenta que é necessário adotar uma abordagem integrada e sistêmica para entender os fenômenos sociais e pessoais, e isso inclui a consideração das múltiplas interações e interdependências entre os fatores que influenciam o ambiente social. “Um sistema hipercomplexo é um sistema que diminui as suas restrições ao mesmo tempo que aumenta as suas aptidões organizacionais, designadamente a sua aptidão para a transformação” (Morin, 1973, p. 115). Quando a informação se torna excessiva e desorganizada, o sistema social se torna entropicamente desestruturado, ou seja, os indivíduos perdem a capacidade de conectar suas experiências de maneira coesa e contínua, o que dificulta a vivência plena do momento presente. Assim, o ambiente social, saturado de informações dispersas e muitas vezes contraditórias, acaba gerando um efeito oposto ao que Maffesoli propõe: em vez de vivermos o presente com intensidade e clareza, nos vemos imersos em uma realidade fragmentada, onde o excesso de dados se torna um obstáculo para a construção de sentido e para a experiência direta.

É nesse ponto que a relação entre os conceitos de entropia e as experiências vividas no presente se torna clara. A quantidade de informações que recebemos diariamente, sem a devida organização ou reflexão, provoca uma sensação de desorientação e distanciamento do agora. Em vez de estarmos conectados ao momento presente, experimentamos uma sensação de perda e fragmentação. Para Maffesoli, isso significa um afastamento da intensidade emocional que poderia ser vivida no agora, enquanto, para Morin, representa um aumento da desordem cognitiva, da entropia no processo de organização das informações. A consonância entre

entropia e a quantidade de informações é, portanto, uma realidade crescente na sociedade contemporânea. O excesso de dados e estímulos, sem uma filtragem ou organização adequada, cria um ambiente informacional saturado, o que gera uma desconexão com o momento presente, tornando difícil para os indivíduos viverem de forma plena suas experiências. A teoria de Morin sobre a entropia e a proposta de Maffesoli sobre a conquista do presente apontam para um dilema contemporâneo: em um mundo saturado de informações, a capacidade de se conectar com o agora e de experimentar o presente com intensidade está sendo constantemente desafiada pela sobrecarga informacional que desorganiza a mente e a percepção social. O desafio, portanto, é como equilibrar o fluxo de informações e recuperar a vivência autêntica do presente, sem que a entropia e a fragmentação da experiência dominem nossa realidade.

5. Aplicação das quatro versões de imaginário – Exercício da pesquisa

A pesquisa se utiliza fundamentalmente das versões de imaginário propostas por Maffesoli e Silva. A sua aplicação concentra-se na utilização das primeiras quatro versões no âmbito da demarcação e da interpretação das experiências vividas pelo público em um evento corporativo. Utilizando-se do Sistema da Ampulheta inserido em um ambiente social limitado - que é o evento corporativo, o participante é livre para viver e conceber todas as oportunidades e vivências propostas, disponíveis e interligadas culturalmente no momento presente da realização do evento. As quatro versões de imaginário servem, então, para alinhar as experiências e suas interpretações utilizando a teoria da complexidade e o imaginário como ferramenta para este alinhamento. Propostas por Silva e Maffesoli – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – desempenham um papel fundamental na organização das experiências vividas no ambiente social e podem ser compreendidas como estratégias de redução da entropia (desordem informacional e emocional) na vida cotidiana. Cada uma dessas versões oferece uma forma de lidar com a sobrecarga informacional, a fragmentação das experiências e a perda de sentido que muitas vezes caracteriza o mundo contemporâneo.

A entropia, conforme abordado por Morin, pode ser entendida como a desordem que surge quando a quantidade de informações ou estímulos se torna excessiva e os indivíduos não conseguem processá-los adequadamente. Em um mundo marcado pela hiperconectividade, o excesso de dados e a falta de filtros podem gerar confusão e desorientação. Nesse contexto, as versões do imaginário propostas por Silva e Maffesoli oferecem formas de organizar as

experiências, reduzir a desordem e dar significado ao caos informacional e emocional vivido nas interações sociais.

5.1 Ambiente: O Espaço Como Organizador das Experiências

O ambiente é a primeira versão do imaginário e está relacionado ao conceito de espaço vivido. Silva e Maffesoli consideram o ambiente social não apenas como um espaço físico, mas como um espaço emocional e simbólico que organiza as relações sociais. O ambiente é o local onde o indivíduo e o grupo constroem suas experiências e sentidos. Ele é o contexto social onde as interações, as trocas e os afetos se dão, e serve como um ponto de ancoragem para as experiências vividas.

Em termos de entropia, o ambiente atua como um fator estabilizador, proporcionando uma estrutura física e simbólica que ajuda a organizar o fluxo de experiências. Por exemplo, a casa ou o bairro não são apenas espaços físicos, mas carregam significados e valores culturais que orientam o comportamento dos indivíduos. O mesmo se aplica para o evento corporativo. O ambiente social, ao ser reconhecido como um espaço estruturante, diminui a desorganização que pode ser causada pelo excesso de estímulos, permitindo que as experiências diárias sejam mais facilmente assimiladas e processadas.

5.2 Ficção Compartilhada: As Narrativas Coletivas que Criam Coesão

A ficção compartilhada refere-se à criação de narrativas coletivas e mitos que ajudam os indivíduos a se conectarem e a organizarem as suas experiências no mundo. As ficções compartilhadas são essenciais para a construção do imaginário coletivo e da coesão social, permitindo que as pessoas se sintam parte de algo maior, que vai além das suas experiências individuais. Essa versão do imaginário atua como uma rede de significados que organiza o caos do cotidiano, fornecendo ao grupo um sentido comum. Importante destacar a relevância desta configuração coletiva. A ficção compartilhada, como uma construção simbólica que transcende o indivíduo, oferece um padrão coletivo de interpretação dos eventos corporativos. Ao dar sentido e coesão à experiência coletiva, a ficção compartilhada contribui para a redução da entropia social, ajudando ainda a organizar o fluxo de informações e a reduzir as contradições e confusões que surgem da multiplicidade de pontos de vista e dados disponíveis.

Eventos, de maneira geral e cultural, são fenômenos sociais frequentemente explicados e organizados por meio de narrativas mitológicas, histórias populares ou mitos urbanos. Essas

ficções, embora muitas vezes distantes da realidade factual, desempenham um papel essencial na construção da identidade social e no fortalecimento das relações coletivas, proporcionando um sentido compartilhado que organiza o caos informacional da vida em sociedade, reforçando o sentido da experiência e a sensação de pertencimento.

5.3 Fantástico do Cotidiano: A Imaginação Como Forma de Organização da Realidade

O fantástico do cotidiano é uma versão do imaginário que explora o poder da imaginação e da fantasia para dar sentido e coesão à vida cotidiana. No mundo contemporâneo, a fantasia e o imaginário têm um papel central na construção da realidade social, especialmente porque as fronteiras entre o real e o imaginário se tornaram mais fluídas. As pessoas buscam no cotidiano momentos de encantamento e maravilhamento, muitas vezes encontrando um sentido simbólico ou extraordinário nas situações mais comuns. O fantástico do cotidiano permite que o sujeito lide com a entropia emocional e cognitiva ao transformar o mundano em algo extraordinário, ao conferir significados simbólicos a acontecimentos triviais ou cotidianos. Essa forma de imersão na fantasia ajuda a reduzir a sobrecarga emocional, proporcionando uma organização subjetiva da experiência que, de outra forma, poderia ser desordenada e sem sentido.

As experiências vividas em um evento corporativo podem ser vistas como experiências fantásticas que, apesar de cotidianas, se transformam em momentos de reflexão ou de encanto pessoal, reorganizando as percepções e proporcionando uma sensação de harmonia e equilíbrio.

5.4 Memória Afetiva: A Construção do Passado e o Sentido das Experiências

A memória afetiva refere-se à maneira como o passado é resgatado e vivido no presente, sendo fundamental na organização das experiências sociais. Para Silva e Maffesoli, a memória afetiva não se refere apenas a eventos do passado, mas à reinterpretação e reconstrução emocional de experiências vividas. A memória afetiva permite que o indivíduo dê sentido ao que já aconteceu e traga à tona elementos que ajudam a organizar o presente, reduzindo a entropia temporal. Quando as pessoas revivem suas memórias afetivas, elas não apenas recordam momentos, mas reconstruem e reorganizam essas experiências, dotando-as de um novo significado. Essas lembranças, muitas vezes associadas a sentimentos e afetos, atuam como âncoras emocionais que ajudam a estruturar a percepção do presente, tornando-o mais

coeso e menos fragmentado. Em tempos de entropia, a memória afetiva funciona como um refúgio que organiza a experiência emocional, oferecendo um sentido e coerência ao fluxo de informações e estímulos.

5.5 Conclusão da Aplicação das Quatro Versões de Imaginário

Referente às quatro versões de imaginário propostas por Silva e Maffesoli – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – pode ser enriquecida quando incorporamos as perspectivas de Bachelard e Durand, que também refletiram sobre o papel do imaginário na organização das experiências humanas, especialmente em um contexto de entropia. Bachelard destaca a relação profunda entre o sujeito e o espaço vivido. Ele propõe que os espaços íntimos como a casa, o quarto e outros locais significativos são, para o indivíduo, espaços do imaginário que abrigam não apenas sua experiência física, mas também suas memórias, emoções e até suas fantasias. Em relação ao conceito de entropia, Bachelard oferece uma visão que complementa a proposta de Silva e Maffesoli: os espaços, ao serem vividos e significados, reduzem a desordem e organizam as experiências, criando refúgios simbólicos que estabilizam o indivíduo em meio ao caos informacional do mundo contemporâneo. A casa, por exemplo, não é apenas um abrigo físico, mas um universo simbólico que organiza o fluxo de informações emocionais e psicológicas. O mesmo se dá no que concerne ao ambiente social limitado que é o evento corporativo.

Durand, por sua vez, aborda a estrutura do imaginário a partir da analogia e do mito, destacando como os símbolos e arquétipos operam na organização da experiência e da cultura. A ficção compartilhada e o fantástico do cotidiano, tal como discutido por Maffesoli e Silva, podem ser interpretados à luz da teoria de Durand como formas de mitificação da realidade. O imaginário coletivo e social, através da criação de mitos e narrativas simbólicas, ajuda a organizar a realidade social e oferece uma estrutura de sentido que resiste à entropia. Os mitos, com seus símbolos arquetípicos, são formas de reduzir a desordem do cotidiano, ao proporcionar uma linguagem e uma interpretação coletiva que trazem coesão ao caos da experiência social, devido a quantidade de informação que é transmitida aos sentidos e ao cérebro.

Ao integrar as ideias de Bachelard e Durand, a conclusão ganha uma dimensão mais profunda: as versões de imaginário são não apenas mecanismos de organização simbólica, mas também estruturas cognitivas e emocionais que atuam como defesas psíquicas contra o excesso

de estímulos e a fragmentação da realidade. O imaginário não só organiza as experiências individuais e coletivas, mas também proporciona sentidos e narrativas que ajudam os sujeitos a viverem em um ambiente carregado de informações e de complexidade, permitindo-lhes reduzir a entropia e construir uma realidade mais coesa e significativa.

Essas versões de imaginário – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – ajudam a construir um equilíbrio simbólico entre o sujeito e o ambiente mundano, proporcionando estruturas de sentido que reduzem a desordem emocional e cognitiva, enquanto permitem ao indivíduo e à sociedade lidar com as complexidades da vida cotidiana. Nesse contexto, o imaginário, em suas diversas manifestações, atua como um princípio de organização, permitindo que o sujeito encontre significado e coerência no caos da experiência social, reduzindo a entropia e promovendo uma experiência de pertencimento e continuidade. Assim, o imaginário emerge como uma ferramenta fundamental para a organização simbólica do espaço social e para a manutenção da ordem emocional e cognitiva diante da complexidade e da sobrecarga informacional do mundo contemporâneo.

6. Excedente de significação – Neguentropia

A relação entre o excedente de significação proposto por Silva e o conceito de neguentropia de Morin, incluindo a vertente da perspectiva de Maffesoli quanto as outras versões de imaginário e as tribos urbanas, pode ser entendida como uma estratégia fundamental de organização e coesão frente à complexidade e ao caos das experiências sociais, oferecendo uma interessante aproximação entre a organização do conhecimento e das experiências vividas com relação a redução da desordem nos sistemas sociais e individuais. Os três pensadores oferecem lentes distintas, mas complementares, visando a compreensão de como os indivíduos e os grupos sociais lidam com a abundância de significados e informações que permeiam o ambiente social contemporâneo. Os conceitos abordam a maneira como os significados e as informações são gerenciados no contexto da vida social, e como sua organização pode contribuir para reduzir a entropia existente nas experiências humanas e sociais.

6.1 Excedente de Significação

O excedente de significação, conforme proposto por Silva, refere-se à ideia de que as experiências humanas e os fenômenos sociais nunca podem ser totalmente explicados e/ou compreendidos por uma única interpretação ou explicação. Isso implica que, para além dos

significados imediatos e aparentes, há sempre um excedente de sentidos e potencialidades simbólicas que permanecem não totalmente captados ou explorados, e sim positivamente contaminados pela vivência e pelo efeito da memória. Esse excedente, ao transbordar das significações convencionais e das explicações formais, é a matéria-prima que alimenta o imaginário coletivo, permitindo a criação de novas narrativas, símbolos e sentidos, os quais são constantemente ressignificados nas interações sociais com base nas vivências pessoais e cotidianas que servem como um terreno fértil para a captação e interpretação de sentidos. O excedente de significação é algo que permite e incentiva a constante atualização das narrativas e dos símbolos que estruturam as relações sociais.

E, ainda, é importante manter-se atento a absorção de estereótipos para a definição de imaginários. O imaginário fundamentalmente deve ser acrítico e, sob esta análise, precisa-se considerar que o imaginário proposto por Silva não deve ser encarado como algo fixo ou imutável, mas como um campo dinâmico e aberto, no qual os significados e interpretações não podem ser consumidos passivamente. Ao contrário, ele exige uma interrogação constante sobre suas origens e funções dentro do tecido social. Isso implica uma abordagem crítica que busque questionar e desconstruir os sentidos dominantes e os mecanismos de poder que moldam o imaginário coletivo independentemente da sua vivência individual. O imaginário não é apenas uma reprodução passiva de significados compartilhados, mas uma atividade criativa e transformadora. Isso exige que as experiências e as representações sociais sejam abordadas com uma postura que não aceite as versões dominantes sem uma avaliação crítica.

Esse movimento de desconstrução crítica do imaginário busca romper com as formas pré-concebidas que limitam a compreensão do social. O imaginário precisa ser entendido como algo mutável, onde as narrativas sociais não se repetem de forma monolítica ou rígida. Ao invés de aceitar o que é imposto, é preciso constantemente questionar e reorganizar os sentidos que são produzidos e compartilhados coletivamente. Isso implica um processo reflexivo e transformador, no qual as experiências e as memórias sociais são revistas e ressignificadas de forma que se contraponham a uma visão simplista e dogmática do mundo. Estes estereótipos são frequentemente gerados e sustentados por lógicas de poder que visam consolidar determinados valores, credibilidades ou hierarquias sociais. O imaginário, nesse contexto, pode ser usado como uma ferramenta ideológica para legitimar e manter certas relações de poder, perpetuando visões simplistas e estigmatizantes de grupos sociais, comportamentos ou realidades. Silva, ao propor uma abordagem mais livre e flexível do imaginário por meio do

excedente de significação, recusa a ideia de uma visão social estática e imutável, apontando a necessidade de desconstruir as construções tradicionais e ideológicas que limitam o olhar sobre o mundo. O imaginário não deve ser simplesmente aceito como uma verdade fixa, mas deve ser constantemente desafiado, através da reflexão crítica que revele as suas contradições e fragmentações. Desta maneira, é importante manter-se atento para contornar estereótipos e focar na dialética da alteridade primordial.

O excedente de significação é, portanto, potencialmente redutor de entropia porque, ao oferecer uma pluralidade de significados, ele proporciona ao sujeito uma flexibilidade interpretativa que organiza e dá coesão à experiência social. Em um mundo saturado de informações e estímulos, o excesso de significação funciona como uma estratégia simbólica que ajuda a processar e a dar sentido a esse caos informacional. Ele cria espaço para que os indivíduos e as coletividades possam narrar suas experiências, transformando a sobrecarga de dados em histórias e interpretações que tornam o mundo mais compreensível e organizável.

Esse excedente tem uma função crucial na organização do caos social, pois transcende a ordem imediata dos acontecimentos e das informações, oferecendo ao sujeito a capacidade de recompor o sentido da sua realidade a partir de uma pluralidade de significados. O imaginário, interpretado pelo funil da Ampulheta por meio das quatro versões anteriores de imaginário, ao passar pelo funil é alimentado por esse excedente, transforma o fluxo ininterrupto de estímulos e informações em narrativas e representações que proporcionam coerência e compreensão.

6.2 Neguentropia

O conceito desenvolvido por Morin dentro da teoria da complexidade, refere-se à capacidade dos sistemas de gerar ordem a partir da desordem, ou de reduzir a entropia. Em um mundo complexo e caótico, o realinhamento da entropia é essencial para a manutenção da ordem e da coerência dentro dos sistemas. Em sua obra, Morin propõe que os sistemas sociais, e particularmente as sociedades humanas, são sistemas complexos que exigem uma abordagem multidimensional para entender suas dinâmicas e organizar as informações que fluem por esses sistemas. A neguentropia é, portanto, a capacidade de dar sentido ao caos. Isso se dá por meio de processos cognitivos, sociais e culturais. O conhecimento e a comunicação dentro desses sistemas complexos atuam como fatores de organização da entropia, proporcionando não

apenas compreensão, mas também a coesão social necessária para o funcionamento contínuo da sociedade.

7. Conclusão

O excedente de significação de Silva e a neguentropia de Morin se encontram no ponto onde a organização simbólica e a criação de sentido funcionam como estratégias para lidar com a desordem e a complexidade das experiências humanas e sociais. O excedente de significação, ao propiciar a criação constante de novos significados, expandindo o repertório interpretativo, ajuda a reduzir a entropia das interações sociais e da experiência individual, tornando as experiências mais compreensíveis e coerentes.

De maneira análoga, a neguentropia envolve a organização das informações dentro de um sistema complexo. Ao oferecer uma infinidade de significados e interpretações, o excedente de significação gera novos processos de organização simbólica que ajudam a reduzir a entropia social e cognitiva, permitindo que a vida social se estruture em um campo contínuo de interpretação e ressignificação. O excedente de significação age como uma força de organização mental e social da entropia na medida em que facilita o fluxo de sentidos e estímulos simbólicos que podem ser constantemente reorganizados, adaptados e atualizados conforme as circunstâncias sociais e históricas, com base nas experiências e seus subjacentes cotidianos. Em um ambiente social como o evento corporativo, sobre carregado de informações, o excedente de significação permite que as pessoas criem narrativas e ficções compartilhadas que organizam a experiência de forma mais coesa e significativa, reduzindo o caos cognitivo e ajudando os indivíduos a dar sentido à complexidade social da convivência, das experiências e da memória afetiva. Essas narrativas simbólicas, criadas e compartilhadas coletivamente, podem atuar como estruturas cognitivas que auxiliam a organização das vivências.

A relação entre o excedente de significação e a neguentropia pode ser compreendida como uma interação simbólica que visa organizar e reduzir o caos das experiências psicossociais. Excedente de significação e neguentropia mostram como, em um mundo saturado de informações e estímulos, a capacidade humana de criar significado e de dar sentido à vida cotidiana age como um princípio de organização que reduz a desordem e proporciona coesão ao sujeito e à sociedade. Nesse sentido, a neguentropia encontra eco no excedente de significação, pois ambos demonstram como a organização simbólica das experiências pode ser uma estratégia fundamental para reduzir a entropia social e emocional, tornando o mundo mais

compreensível, coerente e narrável. O ritual corporativo como apresentado no consumo e na geração de experiência de eventos, faz parte de uma construção mítica desse elemento que chamamos marca, dessa personalidade que chamamos marca, dessa entidade que denominamos marca. Essa entidade invisível e imaginária é essa força que a marca tem e que os rituais corporativos procuram agregar para essa marca.

O imaginário pode ser um guia essencial para organizar essa experiência, pois ele proporciona um entendimento mais profundo dos valores e das narrativas culturais que moldam a percepção do público. Ao aplicar a metodologia do imaginário, pode-se estruturar o evento de maneira a facilitar esse encontro simbólico, fazendo com que o participante se sinta parte de uma narrativa maior, onde sua vivência tem um papel relevante.

O conceito de tribos contemporâneas de Maffesoli é crucial para este embasamento, pois ele nos ajuda a entender que as pessoas estão cada vez mais conectadas por afinidades e interesses comuns. No contexto de eventos corporativos, isso significa que, para alcançar um impacto real, a organização deve considerar as comunidades de interesse às quais seus participantes pertencem, promovendo experiências que atendam a esses grupos específicos. O uso do imaginário, ao lidar com os mitos e rituais que compõem a identidade da marca e a vivência do evento, facilita essa conexão, transformando o evento em uma vivência coletiva que transcende o simples consumo de produtos ou serviços.

A metodologia apresentada no texto oferece uma maneira eficaz de entender e aplicar, interpretar e aplicar esses conceitos no contexto de eventos corporativos. Essa abordagem ajuda a transformar a complexidade da comunicação em algo organizado e significativo, permitindo que os organizadores sintam as experiências dos participantes e interpretem o que elas significam no contexto cultural e social mais amplo.

A proposta metodológica do imaginário pode ser utilizada em eventos corporativos para criar experiências mais profundas e impactantes. Ao compreender as versões de imaginário, as empresas podem projetar eventos que não apenas atendem às expectativas do público, mas que também criam uma narrativa poderosa, capaz de fortalecer a conexão entre a marca e os participantes, proporcionando um senso de pertencimento e significado. Isso é particularmente relevante em um mundo cada vez mais afetado pela entropia das interações diárias, onde a experiência vivida no evento oferece a possibilidade de neguentropia – a organização e o excesso de significação que tornam o evento verdadeiramente transformador.

O evento sempre se refere às pessoas, suas expectativas, do consumo da marca e da experiência do público. A organização do evento busca entender, durante o planejamento, o que habita realmente no imaginário das pessoas que participarão do evento, para poder atendê-las e satisfazê-las com a construção de um evento e a vivência de uma experiência com valor e significado.

A complexidade está na quantidade de interações que recebemos diariamente e que são recebidas desordenadamente (entropia). Contudo, com a aplicação das versões de imaginário em um ambiente controlado como o evento corporativo, as experiências vividas se organizam (neguentropia) e resultam no excedente de significação apresentado por meio da metodologia de análise da Ampulheta que utiliza as versões de imaginário. Assim, a metodologia se mostra possível, visto que a quantidade de informações é ampla e, posteriormente, se afunila sob o funil para depois se ampliar novamente a partir da complexidade do excedente de significação.

Por meio desse artigo e a parte da complexidade do imaginário, estamos justificando uma classificação de imaginário que apesar de ser grande e incomensurável, estamos exercendo um exercício pedagógico, um exercício didático, um exercício analítico para capturar o imaginário que é tão abstrato e dar consistência a ele pelo caminho das cinco versões de imaginário que percebemos como determinada possibilidade de análise metodológica, mas nunca determinante, por ser uma pontinha de conexão e de aplicabilidade a aqui apresentada.



Referências

ARAUJO, Douglas; MATHEUS, Felipe; BRUNO, Marlon. **O desenvolvimento da criança nas perspectivas de Gallahue, Vygotsky e Wallon.** 2017. 18 p. Projeto de Pesquisa (Graduação de Licenciatura em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Pró-Reitoria de Graduação, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/10904/1/DouglasAraujoTCCGraduacao2017.pdf>>. Acesso em 02 jan 2025.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade:** ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário - uma proposta metodológica. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova; CONTRERA, Malena Segura. Estudos do Imaginário: a iniciação como método. In: Denize Araujo; Ana Taís Martins Portanova Barros; Malena Contrera; Rose de Melo Rocha. (Org.). **IMAG(EM)INÁRIO. Imagens e imaginário na Comunicação.** Porto Alegre/Curitiba: Imaginalis, 2018, v. 1, p. 22-36.

CAMARGO, Hertz Wendel de. **Mito e filme publicitário:** estruturas de significação. Londrina: Eduel, 2013.

CAMPEÃO, Márcia da Silva. **Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral.** 2002. 132 p. Dissertação. (Mestrado da Faculdade de Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas. Pós-Graduação, Campinas, 2022. Disponível em: <<https://1library.org/document/yjk30v6q-proposta-ensino-bocha-para-pessoas-com-paralisia-cerebral.html>>. Acesso em 02 jan 2025.

CONTRERA, Malena S. **Mediosfera:** meios, imaginário e desencantamento do mundo. 2 ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Tradução: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1995.

FELINTO, Erick. “O Mito é o Nada que é Tudo”: Imaginário, Atmosfera e a Midiosfera. In: **Anais do 31º Encontro Anual da COMPÓS, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos.** - Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/o-mito-e-o-nada-que-e-tudo-imaginario-atmosfera-e-a-midiosfera?lang=pt-br>> Acesso em: 14 Jul. 2024.

FELINTO, Erick. Imaginário e atmosfera: noções para a pesquisa em comunicação. In: FELINTO, Erick; FERNANDES, Cíntia Sanmartin (org.). **Veredas da imaginação, territórios do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2024. cap. 01, p. 12 - 35.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Tradução: Juremir Machado da Silva. - 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia:** uma ecologia para nosso tempo. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido:** a natureza humana. Tradução: Hermano Neves. Paris: Editions du Seuil, 1973.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias:** habitat, vida, costumes, organização. Tradução: Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROMANHOLO, Rafael Ayres; BAIA, Fernando Costa; PEREIRA, Joeliton Elias; COELHO, Eduarda; CARVALHAL, Maria Isabel Mourão. Estudo do desenvolvimento motor: análise teórica do modelo de desenvolvimento motor Gallahue. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, Gale Academic OneFile, v. 8, n. 45, p. 313+, 2014. Disponível em: <<https://link.gale.com/apps/doc/A390188182/AONE?u=anon~bebde5c3&sid=googleScholar&xid=1192714d>>. Acesso em 19 jun 2024.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário.** 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2020a.

SILVA, Juremir Machado da. Cinco versões de imaginário. **Memorare**, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 08-14, set./dez. 2020b.

SILVA, Juremir Machado da. **Aura e Imaginário:** produção em revista. Porto Alegre: Sulina, 2021a.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer:** como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2021b.